

MOBILIZAR AS PESSOAS DE FÉ PARA A JUSTIÇA CLIMÁTICA



Porque mobilizamos as pessoas de fé?

Quando se trata da destruição ambiental e das alterações climáticas, precisamos de uma mudança significativa a todos os níveis da sociedade. Isso significa que precisamos de trazer muito mais pessoas para o movimento de justiça ambiental e climática.

Todas as nossas fés/valores dizem que Deus/o sagrado cuida da terra e das pessoas. Que Deus está do lado das pessoas que são vulneráveis ou marginalizadas. Que as pessoas de fé tomem medidas a favor de Deus/do planeta/pessoas.

Constituímos cerca de 84% da população mundial. As pessoas de fé sempre desempenharam um papel fundamental nos movimentos sociais bem sucedidos. Trazemos valores morais poderosos e autoridade para tornar o mundo mais justo e compassivo é por isso que o GreenFaith mobiliza pessoas de fé.

O que é que as pessoas de fé trazem de único aos movimentos?

- Os líderes religiosos têm poder moral e são ouvidos pelos seus fiéis e por muitas pessoas no poder.
- Em todo o mundo, os políticos precisam do apoio dos líderes religiosos para serem eleitos.
- As pessoas de fé têm frequentemente moldado a forma como a maioria das sociedades se define, o que está certo e o que está errado. Se as pessoas de fé, em grandes massas, continuarem dizendo que a construção de novos projetos de combustíveis fósseis e o financiamento desses projetos é errado, esse sentimento será adotado por muito mais pessoas.
- As pessoas de fé já fazem parte de comunidades e congregações que podem ser mobilizadas.
- As pessoas de fé são capazes de olhar para dentro de si próprias e encontrar o espírito ou "Deus" que sustenta nosso trabalho.

- Trazer pessoas de fé para uma campanha secular pela justiça climática pode ter um enorme impacto no resultado. Somos porta-vozes de confiança, ajudamos as organizações já existentes que estão nessa luta pela justiça climática quando trazemos o nosso povo conosco.

Qual a melhor forma de nos envolvermos com as pessoas de fé em torno da ação sobre o clima?

A melhor forma de nos envolvermos com outras pessoas de fé e espírito em torno do clima é começar pelos ensinamentos e recursos religiosos e espirituais que fundamentam o nosso trabalho coletivo na fé.

Eis alguns pontos de partida de várias religiões, listados por ordem alfabética.

Budismo: Muitas correntes do Budismo ensinam que devemos viver uma vida empenhada, procurando um trabalho mais justo para todas as partes do planeta. Ao cuidarmos de nós próprios, a nossa capacidade de cuidar de todo o planeta aprofunda-se; estamos todos interligados. Essa interconexão exige que prestemos atenção e respondamos à injustiça climática. [Mais recursos sobre o budismo podem ser encontrados aqui.](#)

O cristianismo: A Bíblia (o texto mais sagrado do cristianismo) ensina que Deus criou todas as coisas e disse que eram boas, e depois Deus disse aos humanos para cuidarem do planeta e das outras pessoas. Devemos cuidar dos membros mais vulneráveis do nosso mundo, e isso significa trabalhar pela [justiça](#) climática.

Espiritualidade baseada na Terra: Cada parte da terra contém o divino. Estamos todos ligados uns aos outros e devemos proteger-nos uns aos outros e a todas as criaturas. A terra, as águas, as criaturas, as plantas - tudo é importante. Tudo o que prejudica a criação deve ser impedido. [Um recurso aqui.](#)

Hinduísmo: Os Vedas - os escritos hindus - ensinam que tudo é sagrado: a água, a terra, o ar e as árvores. E o Dharma existe para o bem-estar geral de todos os seres vivos, por isso devemos trabalhar pela justiça climática para qualquer parte do mundo e das pessoas. A justiça climática trabalha para *ahimsa* e, por isso, temos de agir. [Mais recursos sobre o hinduísmo podem ser encontrados aqui.](#)

O Islã: No *Corão* (o texto sagrado para os muçulmanos), o Profeta (que a paz esteja com ele) ensina que a terra e tudo o que existe pertence a Deus. Para sermos fiéis, temos de cuidar

da terra e das outras pessoas, e permitir a injustiça climática (que prejudica os mais vulneráveis) é *haram*. [Mais recursos sobre o Islão podem ser encontrados aqui.](#)

Judaísmo: Os ensinamentos judaicos estão enraizados na relação entre o divino e o povo escolhido de Deus, uma comunidade destinada a seguir a Lei e os ensinamentos dos profetas e rabinos. Neste contexto, a expressão *tikkun olam* significa "reparar o mundo" e tornou-se sinónimo de ação social e de atividades de justiça social, incluindo a justiça climática. [Mais recursos sobre o judaísmo podem ser encontrados aqui.](#)

Que ensinamento ou recurso o orienta no trabalho pela justiça climática?

Como é que utilizamos a nossa fé no Oleoduto de Petróleo Bruto da África Oriental (EACOP) e em outros projetos de combustíveis fósseis?

Para que o EACOP seja construído, o governo tem de aprovar as licenças, as pessoas têm de ceder os seus direitos de propriedade e os bancos e instituições financeiras têm de dar à empresa Total o dinheiro necessário para financiar a construção.

Este projeto é errado. Polui o ar, a água e as terras agrícolas de que muitos dependem para a sua alimentação e subsistência.

Quando mobilizamos os líderes religiosos nas comunidades ameaçadas pela construção para compreenderem os impactos na saúde e no clima que a construção terá nas suas comunidades e nos posicionamos contra o projeto, será muito mais difícil para os funcionários do governo darem a sua autorização. Isso também fará com que os proprietários de terras individuais parem para pensar antes de assinarem a renúncia aos seus direitos sobre as suas terras. Podemos falar sobre esta injustiça nos termos das nossas religiões. As pessoas de fé que partilham as crenças espirituais em todo o mundo também serão levadas a tomar uma posição de solidariedade para com o povo da Tanzânia e do Uganda. Por exemplo, quando um pastor, um irmão ou um leigo falar sobre a razão pela qual estão a resistir ao oleoduto, podem citar um versículo da Bíblia ou do Alcorão, e os cristãos e os muçulmanos de todo o mundo compreenderão por que razão devem também ser solidários com esta luta.

Exemplos de líderes religiosos que tiveram um grande impacto:

Wangari Maathai (Quênia/Cristã/Fé baseada na Terra)

A história da Wangari Maathai começa em Ithite, uma pequena aldeia nas terras altas do Quênia, onde nasceu em 1940. Os pais de Wangari tinham-se convertido ao cristianismo e faziam parte da tribo Kikuyu, um dos principais grupos indígenas que vivem no Quênia. Apesar de Wangari ter crescido em uma religião católica, as crenças tradicionais dos Kikuyu da sua família continuavam a influenciar a forma como viviam e pensavam sobre Deus. Os Kikuyu acreditam que Deus, chamado "Ngai" na língua Kikuyu, habita no Monte Quênia, a segunda montanha mais alta do continente africano. Os Kikuyu construía as suas casas de frente para o Monte Quênia, que os lembrava diariamente de onde vinham todas as coisas boas.

Mais tarde, deu início ao Green Belt Movement, um esforço organizado para plantar árvores liderado sobretudo por mulheres quenianas pobres e rurais.... "Plantar árvores é uma espécie de forma ecológica de desobediência civil", refletiu Wangari mais tarde. Enfrentou todo o tipo de resistência por parte dos políticos responsáveis, que só queriam o desenvolvimento econômico, o tipo de desenvolvimento que lhes permitiria encher os bolsos de dinheiro. Coletivamente, Wangari e as muitas mulheres que se juntaram a ela já plantaram mais de 51 milhões de árvores no Quênia e em muitos outros países.

No Quênia, uma árvore é um sinal de paz, pelo que é especialmente adequado que Wangari tenha recebido o Prémio Nobel da Paz em nome do seu trabalho. No seu discurso de agradecimento, explicou que muitos conflitos em todo o mundo são, na realidade, causados por crises ecológicas. Plantar árvores e prestar atenção ao equilíbrio da natureza ajuda a reduzir os grandes conflitos que muitas vezes se tornam violentos. (Extraído de <https://www.holytroublemakers.com/wangari>)

Movimento Chipko (Índia/Hindu)

O movimento Chipko nasceu da ação social não violenta de Gandhi ou *satyagraha*, "força da verdade". Após a independência da Índia, Mira Behn e Sarala Behn, mulheres inglesas que tinham sido colaboradoras próximas de Mahatma Gandhi, instalaram-se em diferentes zonas dos Himalaias. Ao trabalharem para o desenvolvimento das aldeias, identificaram problemas ambientais crescentes. A elas juntaram-se os activistas gandhianos Sunderlal Bahuguna, Chandi Prasad Bhatt e outros que, na década de 1960, formaram o movimento Sarvodaya da região de Uttarakhand ou "elevação de todos", aplicando o princípio gandhiano do *swadeshi* ou autossuficiência. A maior parte do ativismo deste movimento incluía a proibição do corte de árvores e a "ordenação" das árvores como sacerdotes para as proteger. Os trabalhadores de Chipko também iniciaram desde cedo projetos de

reflorestação. O movimento espalhou-se pela região dos Himalaias e depois por outras partes da Índia, adaptando os seus métodos a outros contextos culturais e ecológicos.

(Extraído de

<https://fore.yale.edu/World-Religions/Hinduism/Engaged-Projects/Chipko-Movement>)

Conferência de Liderança Cristã do Sul (Estados Unidos/Cristã Negra)

Com o objetivo de redimir "a alma da América" através da resistência não violenta, a Conferência de Liderança Cristã do Sul (SCLC) foi criada em 1957 para coordenar a ação de grupos locais de protesto em todo o Sul (King, "Beyond Vietnam", 144). Sob a liderança de Martin Luther King, Jr., a organização recorreu ao poder e à independência das igrejas negras para apoiar as suas actividades. "Esta conferência é convocada", escreveu King, com os colegas ministros C. K. Steele e Fred Shuttlesworth, em janeiro de 1957, "porque não temos outra opção moral, perante Deus, senão aprofundar a luta - e fazê-lo com maior confiança na não-violência e com maior unidade, coordenação, partilha e compreensão cristã" (Papers 4:95).

O catalisador para a formação da SCLC foi o boicote aos autocarros de Montgomery. Na sequência do êxito do boicote em 1956, Bayard Rustin escreveu uma série de documentos de trabalho para abordar a possibilidade de expandir os esforços em Montgomery para outras cidades do Sul. Nesses documentos, perguntava se era necessária uma organização para coordenar essas actividades. Depois de muita discussão com os seus conselheiros, King convidou ministros negros do Sul para a Conferência de Líderes Negros do Sul sobre Transportes e Integração Não-Violenta (mais tarde rebaptizada Conferência de Liderança Cristã do Sul) na Igreja Batista Ebenezer em Atlanta. Os ministros que participaram divulgaram um manifesto em que apelavam aos sulistas brancos para que "se apercebessem de que o tratamento dos negros é um problema espiritual básico..... Demasiados têm permanecido em silêncio" (Papers 4:105). Além disso, encorajaram os negros americanos "a procurar a justiça e a rejeitar toda a injustiça" e a dedicarem-se ao princípio da não-violência "por maior que seja a provocação" (Papers 4:104; 105). (Excertos e citações completas aqui:

<https://kinginstitute.stanford.edu/encyclopedia/southern-christian-leadership-conference-clc>)